

Ao lado de Guedes, Bolsonaro fala em confiança e diz que não fará 'aventura' com Auxílio Brasil

Ao lado do ministro Paulo Guedes, o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) disse nesta sexta-feira (22) que tem "confiança absoluta" no titular da Economia, e que o governo não fará "nenhuma aventura" com o Auxílio Brasil, sucessor do Bolsa Família.

"Deixo claro a todos os senhores. Esse valor [R\$ 400] decidido por nós tem responsabilidade. Não faremos nenhuma aventura, não queremos colocar em risco nada no tocante a economia", afirmou o presidente.

A declaração foi dada a jornalistas no auditório do Ministério da Economia. Bolsonaro fez a visita fora da agenda ao titular da pasta, acompanhado da ministra da articulação política, Flávia Arruda, que não participou do pronunciamento.



O encontro ocorreu depois de uma crise gerada pela debandada de secretários de Guedes, motivada pela manobra no teto de gastos, regra que limita o crescimento das despesas públicas federais,

para pagar R\$ 400 de Auxílio Brasil.

A previsão era que Bolsonaro fosse ao gabinete de Guedes acompanhado da ministra da Secretaria de Governo, Flávia Arruda, que lidera a

articulação política do governo.

"É uma pessoa que conheci bem antes das eleições, que nós nos entendemos muito bem. Tenho confiança absoluta nele e ele também entende as aflições que o go-

verno passa", disse Bolsonaro, num gesto ao ministro.

Apesar de o chefe do Executivo ter dito na quinta-feira (21) também que Guedes continuaria no governo, os rumores sobre uma eventual saída do ministro continuaram.

Na coletiva de imprensa nesta sexta-feira, o titular da Economia afirmou categoricamente que não pediu demissão e que o presidente não teria indicado pedir o cargo.

"Sei que o presidente não pediu isso, porque acredito que ele confia em mim e eu confio nele, mas sei que muita gente da ala política andou oferecendo nome e fazendo pescaria", disse o titular da Economia, ao lado de Jair Bolsonaro (sem partido), em declaração no ministério a jornalistas.

Marianna Holanda/Folhapress

Economia



Investidores estrangeiros retiram US\$ 916 milhões do Brasil em setembro

Página - 03

Após cinco anos em queda, número de empresas no Brasil cresceu em 2019

Página - 03



Brex já vale US\$ 12,3 bilhões, vira um decacórnio e ultrapassa a Stone

Página - 05

Gestora da família Trajano assina mais um cheque milionário para a Rock Content

Página - 05



Política

Guedes defende plano que dribla teto e diz preferir ajuste fiscal menos intenso e abraço social

Página - 04

Bolsonaro, assim como Collor, deixa um Brasil devastado, diz Walter Salles

Página - 04

No Mundo

Organizações denunciam Brasil na CIDH por violar direitos de ativistas ambientais



Trze ONGs denunciaram nesta sexta-feira (22) à Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) o que caracterizam como um desmonte da política ambiental e um cenário de alto risco a defensores ambientais no Brasil.

As organizações, entre as quais a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), a Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos, o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e a Plataforma Dhesca, afirmam que o país é historicamente um dos que mais matam ativistas e salientam que a postura do governo Bolsonaro agrava um quadro de “perseguição e

criminalização por parte dos agentes estatais”.

Os argumentos apontam que o governo, ao asfixiar a legislação socioambiental, favorece um cenário de vigilância e perseguições a ativistas. São mencionados o sucateamento de instituições públicas voltadas para a defesa do ambiente e a omissão no combate a ilegalidades e crimes ambientais.

Falas preconceituosas de Bolsonaro também são caracterizadas como discursos racistas. As ONGs apontam, ainda, outro possível desdobramento dessa postura: espriar pela administração pública ações que contrariem os direitos humanos, em especial os relacionados a popula-

ções indígenas e quilombolas.

“Esse posicionamento político-institucional do governo implica diversas consequências no plano das ações dos Executivos de estados e municípios que, em muitos casos, irão reproduzir no âmbito local a postura da União, instituindo um contexto de absoluta desproteção do ambiente e de seus defensores.”

O evento durante o qual foi feita a denúncia integra o 181º período de audiências públicas da CIDH, que teve início de modo virtual na segunda (18) e vai até o dia 29. Os encontros já trataram, entre outros temas, do desaparecimento forçado de pessoas em El Salvador e do direito à manifestação em Cuba. *Folhapress*

Bolsonaro apela a presidente da África do Sul por Crivella, mas país segue sem dar aval



Em uma chamada telefônica mantida fora da agenda com o líder da África do Sul, Cyril Ramaphosa, o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) fez um apelo direto para que o país africano dê luz verde para a indicação do ex-prefeito do Rio de Janeiro Marcelo Crivella (Republicanos) a embaixador em Pretória.

No entanto, de acordo com auxiliares palacianos, Ramaphosa não deu garantias a Bolsonaro sobre a aceitação de Crivella, o que tem sido interpretado por assessores como o mais forte sinal de que

Biden diz que EUA têm compromisso de defender Taiwan

Os Estados Unidos (EUA) têm compromisso de defender a ilha de Taiwan que a China reivindica como sua, disse o presidente norte-americano, Joe Biden, nessa quinta-feira (21). A Casa Branca informou que não houve mudança na política para a ilha.

“Sim, temos o compromisso de fazer isso”, afirmou Biden em entrevista coletiva, quando indagado se os EUA iriam em defesa de Taiwan, que se queixa de uma pressão militar e política crescente de Pequim para aceitar a soberania chinesa.

Embora Washington seja obrigada por lei a garantir a Taiwan os meios para se defender, há tempos segue uma diretriz de “ambiguidade estratégica” quanto a uma intervenção

militar para proteger a ilha no caso de um ataque chinês.

Em agosto, uma autoridade do governo Biden disse que a política norte-americana para a ilha não mudou depois que o presidente pareceu insinuar que os EUA a defenderiam se ela fosse atacada.

Um porta-voz da Casa Branca disse que, na entrevista coletiva, Biden não estava anunciando nenhuma alteração na abordagem e que “não há mudança na política”, mas não quis comentar mais quando indagado se Biden se equivocou.

A China manifestou desagrado mesmo assim. Um porta-voz do Ministério das Relações Exteriores afirmou que o país não tem espaço para concessões em seus interesses centrais.

Reuters/ABR



o nome do bispo licenciado da Igreja Universal não é bem aceito pelos sul-africanos.

O governo Bolsonaro encaminhou no início de junho um pedido de concessão de agrément a Crivella. No jargão diplomático, trata-se de uma consulta a um país que pode vir a receber um novo embaixador.

Quando há contrariedade, a praxe é que a solicitação não seja respondida. No caso do pedido de Crivella, são mais de quatro meses sem que Pretória se manifeste sobre a indicação do ex-prefeito do Rio.

A ligação entre Bolsonaro e Ramaphosa ocorreu em 7 de outubro. Interlocutores

disseram à reportagem que, quando o presidente brasileiro abordou a situação de Crivella, Ramaphosa afirmou que a decisão caberia ao Ministério das Relações Internacionais e Cooperação da África do Sul.

A resposta evasiva consolida a percepção de que o país africano tem objeções à indicação, já que o agrément permanece sem resposta mesmo após uma solicitação feita por Bolsonaro ao líder sul-africano.

Crivella esteve em Brasília nesta quinta-feira (21) para um encontro com o vice-presidente Hamilton Mourão (PRTB). *Ricardo Della Coletta/Folhapress*

Jornal Data Mercantil Ltda

Rua XV de novembro, 200
Conj. 21B – Centro – Cep.: 01013-000
Tel.: 11 3361-8833
E-mail: comercial@datamercantil.com.br
Cnpj: 35.960.818/0001-30

Editorial: Daniela Camargo
Comercial: Tiago Albuquerque

Serviço Informativo: Folha Press, Agência Brasil, Senado, Câmara, Biznews, IstoéDinheiro, Neofeed, Notícias Agrícolas.

Rodagem: Diária

Fazemos parte da



Investidores estrangeiros retiram US\$ 916 milhões do Brasil em setembro



Os estrangeiros retiraram US\$ 916 milhões do mercado de ações, fundos de investimento e títulos públicos brasileiros em setembro. Os dados foram divulgados pelo BC nesta sexta-feira (22).

Este é o primeiro resultado negativo desde março, quando o país passou pela segunda onda da pandemia de Covid-19, com alta expressiva no número de casos e mortes, o que gerou instabilidade no mercado.

Setembro foi marcado por turbulências na bolsa de valores brasileira, com queda de 6,57% no índice Ibovespa, refletindo o agravamento de crises internas, com inflação e dificuldades na retomada do crescimento econômico, além de incertezas no cenário internacional.

No mês, investidores preferiram aplicações mais seguras e houve ingresso líquido de US\$ 676 milhões (R\$ 3,8 bi) em títulos públicos, mas a entrada não cobriu a saída líquida de US\$ 1,6 bilhão (R\$ 9 bi) de ações e fundos.

Segundo dados preliminares, até dia 19, outubro permanece com resultado negativo nesse tipo de investimento, com saída de US\$ 81 milhões (R\$ 456,9 mi).

Em 12 meses, contudo, os investimentos em carteira no mercado doméstico somaram ingressos líquidos de US\$ 41,6 bilhões (R\$ 234,6 bi).

“É difícil saber a razão da saída porque por natureza são investimentos mais voláteis. A retirada ocorre após ingressos significativos [nos meses anteriores], que somam mais

US\$ 40 bilhões [em 12 meses]”, ponderou o chefe do departamento de estatísticas do BC, Fernando Rocha.

Segundo ele, os investidores reduziram a exposição em renda variável e aumentaram em renda fixa, o que é normal em períodos de ciclo de alta da taxa básica de juros (Selic), que remunera a maior parte dessas aplicações.

“Em certa medida houve uma troca do investidor, que reduziu exposição em ações e aumentou em títulos. Essa troca de instrumento é normal quando há ciclo de aumento de taxa de juros, que torna títulos mais atraentes. Além disso, pode ter ocorrido movimento de realização de lucros [quando o investidor vende o ativo para incorporar os ganhos]”, ressaltou Rocha.

Larissa Garcia/Folhapress

Após cinco anos em queda, número de empresas no Brasil cresceu em 2019

Pesquisa inédita, divulgada sexta (22) pelo IBGE, revela que, após 5 anos em queda, o número de empresas ativas no país aumentou em 2019. Houve um acréscimo de 6,6% na comparação com 2018. Da mesma forma, cresceu o total de assalariados que trabalham para entidades empresariais. O aumento de 774,8 mil representa alta 2,4%.

Intitulada Demografia das Empresas e Empreendedorismo, a pesquisa revela as taxas de entrada, saída e sobrevivência das empresas, além da mobilidade e idade média delas. Mostra ainda dados relacionados à ocupação assalariada. Há recortes por atividades econômicas e regiões do país. O IBGE reúne esses indicadores anualmente desde 2008. Não são considerados no levantamento órgãos públicos, entidades sem fins lucrativos, microem-

preendedor individual (MEI) e organização social (OS).

A análise exploratória das entidades que mais geraram empregos no período considerado pode ser utilizada como material de apoio para estudos futuros sobre o tema, sobretudo os relacionados às políticas públicas que visem a fomentar a geração de empregos no Brasil”, registra o IBGE. O órgão aponta ainda que os indicadores reunidos na pesquisa são importantes para avaliar o dinamismo empresarial no país.

Em 2019, o Brasil tinha 4,7 milhões de empresas com uma idade média de 11,7 anos. Elas contavam com 33,1 milhões de trabalhadores assalariados. Nesse mesmo ano, as entradas de novas empresas totalizaram 947,3 mil. Considerando que as saídas foram 656,4 mil, o saldo positivo foi de 290,9 mil.

Léo Rodrigues/ABR



Após debandada na Economia, Bolsonaro visita Paulo Guedes



Após a demissão de secretários da Economia e boatos de que Paulo Guedes poderia deixar o governo, o presidente Jair Bolsonaro faz uma visita fora da agenda nesta sexta-feira (22) ao titular da Economia.

A previsão era que Bolsonaro fosse ao gabinete de Guedes acompanhado da ministra da Secretaria de Governo, Flávia Arruda, que lidera a articulação política do governo.

Interlocutores do presidente descartam demissão e dizem que o encontro é um aceno a ministro. A ala política do governo ganhou queda de braço travada nas últimas semanas com a equipe econômica, e o governo propôs uma manobra que altera a fórmula de cálculo para o teto

de gastos, regra que limita o crescimento das despesas públicas federais.

A medida deve abrir um espaço no Orçamento de 2022 de mais de R\$ 80 bilhões. Com isso, o governo Bolsonaro espera pagar o Auxílio Brasil, sucessor do Bolsa Família, de R\$ 400, e um auxílio combustível para caminhoneiros.

Na noite desta quinta-feira (21), houve uma debandada na equipe de Guedes, depois da oficialização de uma manobra para driblar a regra constitucional do teto de gastos. Quatro secretários da equipe econômica pediram demissão por discordarem das decisões.

O maior representante da área que controla o Orçamento do governo, abaixo de

Guedes, é o secretário especial do Tesouro e Orçamento, Bruno Funchal. Ele e o secretário do Tesouro Nacional, Jeferson Bittencourt –subordinado a Funchal–, pediram exoneração dos cargos.

O Ministério da Economia afirmou que também deixarão os cargos a secretária especial adjunta do Tesouro e Orçamento, Gildenora Dantas, e o secretário-adjunto do Tesouro Nacional, Rafael Araujo.

A debandada ocorreu após semanas de escalada da pressão do Palácio do Planalto sobre a equipe econômica por mais recursos, e horas após a formalização de uma proposta do governo para driblar o teto de gastos, regra que limita o crescimento das despesas públicas federais.

Marianna Holanda/Folhapress

Política

Guedes defende plano que dribla teto e diz preferir ajuste fiscal menos intenso e abraço social



O ministro Paulo Guedes defendeu nesta sexta-feira (22) o plano do governo para turbinar o Bolsa Família, que promove uma manobra para driblar regras fiscais. Ele indicou que o governo deve pisar no freio na austeridade fiscal ao afirmar que é preferível haver um ajuste menos intenso e um “abraço social um pouco mais longo”.

Guedes fez as declarações à imprensa após receber o presidente Jair Bolsonaro em seu gabinete. A visita foi tratada como um gesto de aceno ao titular da Economia.

“Nós preferimos um ajuste fiscal menos intenso e um abraço no social um pouco mais longo”, disse.

O ministro disse que não pediu demissão diante da crise aberta nesta semana e ressaltou que o presidente também não insinuou nenhum movimento nesse sentido.

Na entrevista, ele confirmou o nome de Esteves Colnago, que hoje é assessor especial da pasta, para assumir o comando da secretaria especial do Tesouro e Orçamento. Ele ocupará a vaga de Bruno Funchal, que pediu exoneração.

Ao longo da declaração, Guedes disse entender seus subordinados “mais jovens” que pediram demissão, que não aceitaram ceder nas negociações, mas afirmou que é importante haver um equi-

líbrio entre os interesses das alas política e econômica.

“Temos que escolher, vamos tirar 10 em fiscal e 0 em social? Abaixa um pouco a média do fiscal e aumenta do social”, disse.

“Eu detesto furar teto, mas não estamos aqui só para tirar 10 no fiscal. Nós fomos um dos governos que menos gastaram, então temos que pensar no social também”.

Nesta semana, contrariando os interesses de Guedes, Bolsonaro exigiu que o novo programa social do governo, o Auxílio Brasil, fosse turbinado para um valor de R\$ 400 -o valor médio do Bolsa Família está hoje em R\$ 190.

Bernardo Caram/Folhapress

Bolsonaro, assim como Collor, deixa um Brasil devastado, diz Walter Salles



Um político que se vende como um outsider assume a presidência do país e promete reerguer a pátria. “O Brasil não aceita mais derrotas. Agora, é vencer ou vencer. Que Deus nos ajude”, afirma em um dos seus primeiros discursos no poder.

No início, existe esperança no ar, mas, com o passar dos meses, o custo de vida sobe. A inflação, que parecia sob controle, volta a preocupar. Muitos passam fome. Cada vez mais gente resolve deixar o país.

Parece bastante, mas não se trata dos dias de hoje ou de um passado muito recente. É o começo dos anos 1990. A frase, um simulacro de patriotismo e fé, foi dita por Fernando Collor de Mello em

Governo deve se reunir com caminhoneiros na próxima semana

O governo federal marcou para a próxima quinta-feira (28) uma reunião com caminhoneiros. Entidades da categoria planejam uma greve para o dia 1º de novembro.

Para acalmar os ânimos do grupo, que já foi base de apoio eleitoral de Jair Bolsonaro (sem partido), o presidente anunciou nesta quinta (21) que lançaria um programa de R\$ 400 por mês a cerca de 750 mil caminhoneiros.

Apelidada de “bolsa diesel”, a iniciativa não foi bem recebida por alguns líderes da categoria, que mantêm exigências de uma pauta estruturada desde setembro.

O encontro entre o Planalto e a categoria foi solicitado pelo deputado Nereu Crispim (PSL-RS), presidente da Frente Parlamentar Mista dos Caminhoneiros Autônomos e Celetistas, que recentemente solicitou abertura de inquê-

rito para abrir uma CPI para investigar os preços dos combustíveis praticados pela Petrobras.

Na reunião, serão debatidos os critérios econômicos e tributários a serem implementados na política de preços dos combustíveis e a criação do Fundo de Estabilização dos Preços dos Derivados do Petróleo (PL750/21), segundo Crispim.

De acordo com o deputado, estarão presentes representantes da Casa Civil, do Ministério da Infraestrutura e da Aepet (Associação de Engenheiros da Petrobras). Os caminhoneiros serão representados por entidades como CNTRC (Conselho Nacional do Transporte Rodoviário de Cargas), CNTTL (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transportes e Logística) e Abrava (Associação Brasileira de Condutores de Veículos Automotores).

Paula Soprana/Folhapress



16 de março de 1990, um dia depois de tomar posse como presidente.

Collor e sua equipe anunciavam àquela altura o pacote econômico que chocou o país ao determinar, entre outras medidas, o bloqueio das cadernetas de poupança. Correntistas e poupadores só poderiam sacar uma parte do que tinham acumulado -o restante só depois de 18 meses.

Lançado cinco anos depois, “Terra Estrangeira”, filme dirigido por Walter Salles e Daniela Thomas, parte justamente desse momento traumático da vida econômica e social do país.

Morada de um prédio ao lado do Minhocão, em São Paulo, a costureira Manuela, interpretada por Laura Cardoso, sofre um infarto ao des-

cobrir pela TV que não teria acesso ao dinheiro que havia economizado por décadas. Transtornado com a morte da mãe, o universitário Paco -papel de Fernando Alves Pinto- aceita uma oferta insólita de viajar para Portugal levando uma encomenda misteriosa.

Em Lisboa, ele conhece a Alex de Fernanda Torres, uma garçonete incomodada com a discriminação que sofre como brasileira. “Quanto mais o tempo passa, mais eu me sinto estrangeira”, diz. Não há vontade, porém, de retornar à degradação do país natal.

Terá a primeira exibição ao público na Mostra de Cinema de São Paulo neste sábado (23) no Espaço Itaú da rua Augusta.

Neif Hadad/Folhapress

Brex já vale US\$ 12,3 bilhões, vira um decacórnio e ultrapassa a Stone



Os empreendedores Henrique Dubugras e Pedro Franceschi venderam a Pagar.me, startup de pagamentos criada pela dupla de empreendedores, para a Stone em 2016.

Agora, a Brex, startup que Dubugras e Franceschi fundaram nos Estados Unidos, em 2017, está levantando US\$ 300 milhões em rodada liderada pela Greenoaks com uma avaliação de US\$ 12,3 bilhões, segundo o site TechCrunch.

Com esse valor, a Brex passa a valer mais do que a Stone, que perdeu mais de 30% do valor de mercado desde 20 de setembro, por conta de uma correção global no valor das fintechs e tem

um valor de mercado de US\$ 12 bilhões.

O fundador da Stone, André Street, no entanto, é um dos investidores da Brex, assim como o empresário Jorge Paulo Lemann, da 3G Capital, dono de empresas como AB Inbev, Restaurants Brands (Burger King e Tim Hortons), Kraft Heinz, entre muitas outras.

Na captação anterior, a Brex havia sido avaliada em US\$ 7,4 bilhões, quando levantou US\$ 425 milhões em uma rodada série D liderada Tiger Global Management no ano passado. Desde sua fundação, a fintech levantou US\$ 1,5 bilhão em dívida e equity, incluindo a nova rodada.

Com este valuation, a

Brex se torna um decacórnio, startups que valem mais de US\$ 10 bilhões, em pouco mais de quatro anos. Globalmente, apenas 41 empresas atingiram esse patamar, segundo ranking da consultoria americana CB Insights. A mais valiosa delas é a ByteDance, dona do TikTok.

A Brex, dona de um cartão de crédito para startups, está caminhando para dobrar suas receitas em 2021, segundo apurou o TechCrunch, acrescentando que os dados da fintech não são públicos. Em entrevista no ano passado, Dubugras disse que a companhia estava conquistando “milhares de novos usuários a cada mês”.

Argentina Pomelo, a fintech para fintechs, capta R\$ 190 milhões

Com menos de um ano de operação e ainda sem ter lançado publicamente nenhum produto com seus clientes, a startup argentina Pomelo levantou uma rodada série A de R\$ 190 milhões (US\$ 35 milhões). O investimento foi liderado pela Tiger Global e teve a participação de fundos como Monashees, Index Ventures, Insight, QED, Sci-Fi, Greyhound e Box Group, além de investidores-anjo renomados, como os fundadores dos unicórnios Affirm, Checkout, N26, Plaid e Ramp.

A captação expressiva para um negócio tão jovem é justificada por uma combinação apetitosa para os investidores de risco: um trio de fundadores experiente e um mercado endereçável bilionário. Sem contar a diluição do risco, algo incomum no venture capital. A companhia representa uma forma de estar exposto ao setore suas perspectivas

sem concentração de aposta.

O negócio, fundado em março de 2021 por Hernan Corral, Gaston Irigoyen e Juan Fantoni, começou suas atividades oferecendo o serviço de emissão e processamento de cartões, mas rapidamente adicionou dois novos produtos para atender as instituições clientes de ponta a ponta: o cadastro de usuários e a criação de contas digitais. Os alvos são fintechs, neobanks, varejistas, aplicativos de delivery ou qualquer empresa que deseja se aventurar no universo financeiro.

Nesse mercado de infraestrutura, há empresas brasileiras bastante capitalizadas, como as fintechs Hash, Swap e Zoop. A diferença, segundo os fundadores argentinos, é que a Pomelo nasceu com uma ambição grande: ser a infraestrutura financeira e tecnológica da América Latina que vai permitir a expansão das fintechs pela região.

Exame



Neofeed

Gestora da família Trajano assina mais um cheque milionário para a Rock Content



Em 2013, quando fundaram a Rock Content, em Belo Horizonte, Diego Gomes, Victor Peçanha e Edmar Ferreira estabeleceram uma meta desafiadora para a startup de marketing de conteúdo: alcançar 100 clientes nos primeiros seis meses de operação. Do contrário, fechariam as portas da empresa.

O trio e o time da empresa alcançaram não só a meta, em cinco meses, como superaram outras fronteiras. Hoje, a companhia tem mais de 2 mil clientes distribuídos entre países como Brasil, México, Canadá e, principalmente, Estados Unidos.

Nesta sexta-feira, 22 de outubro, a Rock Content ganha um novo impulso para

alcançar, literalmente, outras marcas. A startup está recebendo um aporte série B de US\$ 30 milhões, liderada pela UnBox Capital, gestora de investimentos da família Trajano, controladora do Magazine Luiza, que já investia na empresa.

A rodada tem ainda a participação do Provence Capital e marca a entrada na operação do BTG Pactual, por meio do BTG High Growth Opportunities Fund, e da gestora brasileira Crescera Capital, que tem companhias como a Tembici, de bikes compartilhadas, no portfólio.

“Temos a visão de sermos os líderes globais dessa categoria”, observa Diego Gomes, cofundador e CEO da Rock Content, em entrevista. “E

essa rodada é um passo muito importante nessa direção.”

Como parte do caminho percorrido até aqui pela Rock Content, 60% da receita da companhia já é gerada no Canadá e, em particular, nos Estados Unidos. Boa parte dos 40% restantes está distribuída na América Latina, com predomínio do Brasil e do México, e uma pequena parcela na Europa.

O passaporte da startup para estender seus domínios é um modelo que busca contemplar todas as etapas relacionadas ao marketing de conteúdo, do planejamento e execução à mensuração dos resultados das ações. Esse portfólio está distribuído em quatro linhas e plataformas de software.

Neofeed

Negócios

Na Dengo, um chocolate com “sabor ESG” e DNA da Natura atrai o mercado



Estevan Sartoreli, cofundador e CEO da marca de chocolates premium Dengo, um projeto construído com Guilherme Leal, um dos principais acionistas da Natura & Co, tem um jeito diferente de encarar a expansão dos negócios. “Não adianta simplesmente colocar uma meta de ter 50 lojas e correr para ter essas 50 lojas”, disse.

Não que ele despreze o crescimento da companhia. “É claro que queremos crescer e ter escala”, explica. Mas a meta de expansão que vai fazer com que a rede aumente o número de lojas, hoje em 30 unidades, é um pouco diferente. “Nossa meta é dobrar a renda de três mil produtores de cacau no sul

da Bahia”, afirma Sartoreli.

O CEO da Dengo explica que eles recebem, em média, um salário mínimo por mês para manter uma família de três a quatro pessoas. E 50% desses produtores têm uma renda de cerca de R\$ 700,00. A lógica por trás desse processo de impactar a vida das pessoas na região é clara: para atingir essa meta, a rede terá de crescer.

A Dengo começou em 2017 com uma loja, impactando a vida de seis produtores de cacau. A empresa costuma pagar um prêmio sobre o valor do cacau vendido em bolsa. Por isso, exige um cacau de qualidade. No ano passado, pagou, em média, 80% a mais do que o restante do mercado.

Com o crescimento do número de lojas, o número de produtores que passaram a orbitar no seu ecossistema, consequentemente, aumentou. Hoje são 200. Para impactar esses três mil, a Dengo necessitaria de algumas centenas de lojas. E a expansão internacional não é descartada. “Existem estudos em curso”, diz Sartoreli.

Carlos Ferreirinha, um dos principais estudiosos do comportamento de consumo e do mercado premium, fundador da MCF Consultoria & Conhecimento, enxerga muito potencial para a Dengo em outros países. “É uma marca de construção de pilares que, em alguns países mais socialmente maduros, teria uma absorção rápida”, afirma. Neofeed

Os fundadores do iFood e Zé Delivery agora miram os mercadinhos de bairro

A Mercê do Bairro — uma startup que tenta aumentar a eficiência dos mercadinhos de bairro — acaba de levantar R\$ 53 milhões numa rodada coliderada pela GFC e pela Flourish Ventures, a gestora criada pelo fundador do eBay, Pierre Omidyar, que também já investiu no Neon.

A rodada Série A também atraiu a Quartz, a gestora da família Galló, e a Alexia Ventures, e foi acompanhada pela Maya Capital, SV Latam, Picus e Domo, que já haviam entrado na rodada seed.

A capitalização vai financiar os planos de dois empreendedores que já se provaram antes: Guilherme Bonifácio foi um dos fundadores do iFood, e Diego Libanio criou

o Zé Delivery dentro da Ambev e foi o CEO do negócio por quatro anos.

A visão estratégica da dupla: replicar no Brasil o modelo da Ling Shou Tong (“Varejo Integrado”, numa tradução livre), uma startup criada em 2014 dentro do Alibaba.

A Ling Shou Tong ajuda pequenos supermercadistas de bairro na gestão das compras, precificação dos produtos e análise de dados, além de converter as lojas para a sua marca, repaginando o espaço e dando acesso a um aplicativo de compras para o consumidor.

A Mercê do Bairro quer fazer a mesma coisa, mas decidiu começar com apenas uma etapa do processo: o supply chain.

Brazil Journal



Falta de chips chega ao setor de cartões de crédito no Brasil



A escassez global de semicondutores, que já paralisou a indústria automobilística, aterrissou na indústria de cartões de Brasil, que movimentada cerca de 2 trilhões de reais ao ano e abrange bancos, fintechs e varejistas. A falta de insumo praticamente zerou o estoque de chips das emissoras de cartões, que costumava ser suficiente para abastecer a demanda para a emissão de novos plásticos por três meses.

Agora, clientes dessas instituições chegam a esperar até um mês pela chegada de um cartão, gerando, por vezes, problemas em pagamentos que já estão cadastrados no plástico antigo ou retardando consumo.

Para a indústria, não está claro ainda qual deve ser o impacto financeiro. O que se sabe é que o problema deve persistir por alguns anos, e algumas instituições têm utilizado estratégias de escalonamento de entregas e seleção de clientes para contornar o problema.

No entanto, essa não é uma regra nessa indústria que atravessa um momento de grande competição, com a entrada de fintechs e varejistas, que, por sua vez, têm se esforçado para ampliar sua base de clientes, tendo o cartão como porta de entrada.

A Porto Seguro informa que, “devido à falta de matéria-prima no mercado, a emissão de cartões está sujeita a atrasos”. Em nota, a com-

panhia diz estar trabalhando com seus fornecedores para que a situação “seja normalizada o quanto antes”.

Também procurado, o Bradesco esclareceu que, “em setembro, devido à falta de chips no mercado, o banco registrou alguns atrasos na entrega de cartões aos seus clientes. Porém, a situação hoje está totalmente normalizada, e todos os cartões — de débito e crédito — estão sendo entregues dentro dos prazos previstos”.

O Itaú afirma que falta de chips não foi sentida pela instituição e que sua emissão de cartões transcorre normalmente. Santander e Banco do Brasil não comentaram, e a Caixa não respondeu até a conclusão desta edição. Estado SP